



MIKA ANDRADE, AYL A ANDRADE,
ARGENTINA CASTRO, NINA RIZZI & SARA SÍNTIQUE

**Cinco autoras de *O olho de Lilith:*
*antologia erótica de poetas cearenses***

A entrevista que segue foi feita entre a primeira e a segunda ondas da Covid-19, no dia 17 de setembro de 2020. Cinco das onze autoras que compõem *O olho de Lilith: antologia erótica de poetas cearenses* (2019) se reencontraram por meio de videoconferência para falar sobre o processo que culminou na edição da antologia por uma editora paulista de alcance nacional, sob a curadoria da escritora cearense Jarid Arraes.

Desde que publicaram a primeira versão da antologia, ainda em pdf, os poemas têm sido performados em saraus, em conversas com alunas e alunos em universidades, em apresentações pelos espaços de Fortaleza. Esta conversa bonita e franca traz, sob o tema gerador do erotismo, discussões muito caras aos feminismos e a suas lutas, tais como a questão do direito sobre o corpo da mulher, o direito ao prazer, os assédios, o consentimento e o não consentimento na relação afetiva, a liberdade para desejar, amar, ser amada e falar dessas experiências abertamente, inclusive através da poesia.

Concedida a Claudicélio Rodrigues da Silva*, esta e outras entrevistas correspondem a uma parte das pesquisas de pós-doutorado que ele tem desenvolvido na UFRJ sobre as antologias eróticas de sujeitos dissidentes. Sim, porque as mulheres foram as primeiras a se insurgirem contra os discursos produzidos para torná-las o Outro, num rebaixamento diante do suposto Um, o masculino. Daí que o rótulo de “sexo frágil” e as inúmeras tentativas de tornar a mulher um objeto para o usufruto do homem e receptáculo dos futuros homens precisavam ser combatidos, negados. Numa sociedade de dominação masculina, o primeiro a ser vigiado é o desejo da mulher, porque está escrito nos códigos da heteronormatividade que é preciso haver oposição entre masculino e feminino numa dimensão hierárquica do sistema sexo/gênero. O contrato sexual instituído pela sociedade patriarcal coloca o corpo da mulher sob o domínio do homem, para usufruir dele como fonte de prazer, ou para fazer dele máquina de reprodução.

O erotismo é um tema antigo na literatura. Pode-se mesmo afirmar que é um gênero literário. Mas sobre o prazer feminino desabou uma culpa, uma espécie de condenação, o tal do pecado original. Lilith, a primeira mulher, a primeira insubmissa, aquela que disse não às vontades do outro e não dela, é quem pega na mão dessas poetisas sem-vergonha alguma para falar de desejo, prazer, gozo e outras coisas mais. Através desses poemas, elas dizem “Meu corpo, minhas regras”, “Ninguém solta a mão de ninguém”, “Leia mulheres”...

*Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará e membro do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da mesma instituição. Realiza estágio de Pós-Doutorado no Programa de Ciência da Literatura da UFRJ entre 2021-2022.

Participam desta conversa Mika Andrade, a organizadora da antologia, e as poetas Ayla Andrade, Argentina Castro, Nina Rizzi e Sara Síntique.

Claudicélio Rodrigues – *Conheci a antologia de vocês ainda na primeira versão, em pdf, em 2018. Na época, Nina Rizzi me enviou, porque sabia que eu tinha um grupo de estudos do erotismo, o GELE, e estava escrevendo um artigo sobre antologias de minorias com dois orientandos. Logo que li aquela primeira versão, disse: “É isso que quero acrescentar a meu estudo preliminar”. E integrei ao nosso artigo uma breve análise de alguns poemas. Mas, por conta da limitação de páginas, acabei tirando justamente o tópico da antologia de vocês. Preferi deixar para alongar num outro artigo e no pós-doutorado. Para começar, queria saber de quem foi a ideia da antologia e como ela foi concretizada.*

Mika Andrade – Criei um blog para compartilhar minhas leituras de escritores cearenses. Eu tinha o objetivo de também criar um local para receber textos, um site, blog, alguma coisa do tipo. No início, eu divulgava, pedindo textos. Até hoje não recebi nenhum. Depois, entrei em contato com algumas poetas do Ceará para fazermos uma antologia. Na época, eu tinha publicado uma zine. Minha primeira publicação foi uma zine de poesia erótica chamada *Alguns versos pervertidos e outros indecorosos*.

Quando entrei em contato com essas poetas, dei a sugestão de fazer uma antologia de poesia erótica. Eu tinha trabalhado na zine e tinha achado muito bacana o resultado. Como leitora, sentia dificuldade de encontrar livros escritos por mulheres com

essa temática. Convidei no total umas vinte e duas mulheres, dez toparam participar. Pedi que me enviassem cinco ou seis poemas. Recebi os textos e montei um grupo no Whatsapp pra gente ir conversando sobre a produção desses textos. Expliquei, logo de início, que seria uma publicação independente, que ficaria disponível para download, no wordpress, o blog desse projeto, que se chama “Escritoras CE”. Consegui reunir dez poetas, onze comigo. Reuni esses poemas, editei, diagramei e fiz uma versão digital, que foi disponibilizada no site do projeto.

Fizemos um sarau de lançamento na Livraria Lamarca para divulgar o e-book, que ia ficar disponível para download. A recepção foi muito boa. Eu não esperava, porque o projeto não tinha tanta visibilidade. Começaram então a perguntar se não ia ter uma versão impressa, e começamos a conversa no grupo. Conversei com a Jarid para que ela prefaciasse a versão que íamos fazer de forma independente, íamos fazer o orçamento para conseguir publicar. Mas, quando Jarid leu, gostou bastante, e coincidiu de ela estar lançando o seu selo Ferina pela editora Pólen, que hoje é Jandaíra. Ela perguntou se eu não queria publicar a antologia pelo selo. Óbvio que aceitei, foi uma oportunidade muito boa e muito acolhedora da parte de Jarid, por ter visto e gostado do trabalho. Daí, a antologia passou por um processo de edição, a gente modificou alguns poemas. Ela pediu para eu acrescentar poemas meus, porque na primeira versão não tinha.

A gente lançou em maio de 2019, fez também sarau de lançamento na Livraria Lamarca. Desde então, a recepção tem sido muito boa. Tenho recebido muita mensagem, tanto de pessoas

que já compraram, que leram, e de gente perguntando onde comprar, onde adquirir. A cada mensagem, fico surpreendida, porque não esperava que a antologia fosse assim tão lida, que fosse repercutir tanto. Quando recebi meus exemplares, comecei a divulgar no instagram. Falo que tenho pra vender e mando pra todo o Brasil. Acho isso muito bacana. Fico muito surpresa mesmo.

Claudicélio Rodrigues – *O critério que vocês utilizaram para reunir mulheres foi o do espaço geográfico, que fossem do Ceará ou radicadas aqui. Mas, para a escolha dos textos, que critérios foram utilizados para, por exemplo, dizer que textos devem ser publicados em relação a uma poesia erótica?*

Mika Andrade – Quando todas as poetisas me enviaram suas produções, o único critério que usei é que não tivesse nada ofensivo à raça e à sexualidade. Somente esses. Não usei censura de ter que ser um poema erótico velado, não dizer “pau”, “buceta”, nada desse tipo de nomes que fazem as pessoas conservadoras ficarem de boca aberta. Não, pelo contrário. Aceitei todos os poemas que as mulheres me enviaram, não tinham nada de ofensivo. Passou também por outra curadoria, da Jarid, que reorganizou, retirou alguns. A Sara, a Nádia e eu enviamos poemas a mais.

Nina Rizzi – Eu enviei, mas não entraram.

Ayla Andrade – Acho que teve um critério que foi nosso mesmo, enquanto escrita de cada uma, considerando aquilo como uma poesia erótica. Cada uma acabou tendo um tema do que consi-

dera erotismo, ou quando chama de pornografia. Teve esse critério anterior de cada uma ao considerar o poema erótico.

Claudicélio Rodrigues – *Eu ia perguntar exatamente sobre isso. O critério de escolha do que seja erótico para a Mika. Para vocês, exatamente, o que consideraram como erótico no momento em que tiveram que escolher algum critério para selecionar ou até para produzir esses poemas?*

Nádia Camuça – A minha ideia do que era literatura erótica era bem inspirada no que eu via sendo colocado como literatura erótica, que era sobre relações sexuais, digamos assim. Isso foi mudando, principalmente com o contato com as próprias autoras da antologia. Tem um poema da Sara Síntique que revoluciona muito a ideia para mim, aquele que diz: “erótica é a forma/ como o vento assanha/ teus cabelos/ na praia”.

Depois disso, fiquei assim: “meu Deus, isso é incrível!”. Hoje já penso a literatura erótica como uma literatura que vai expressar as relações corporais, simples, o que está ali, seja o cabelo, seja o olho, seja você consigo mesma. Meus primeiros poemas de poesia erótica eram todos registros de relacionamentos. Foi quando fiz o meu primeiro poema sobre masturbação, minha relação comigo mesma.

Demorou anos para eu chegar a essa outra percepção do que é uma relação corporal e do que é o erótico, até ter contato com esse poema da Sara, que é lindíssimo. Tanto que o outro poema que enviei, quando foi sugerido para fazer alguma alteração, já foi um poema que era justamente sobre o sensorial. Eu o considerei

um poema erótico, porque era sobre as sensações que tinha em relação a alguma coisa, a um momento ou a uma memória.

Claudicélio Rodrigues – *Percebo, no seu poema o “vulva termos-tática”, que você compreende a relação que deveria ser um aprendizado do prazer, que é se conhecer como autoerótica, porque somos seres autoeróticos. Quando valorizamos o prazer sexual em nós e descobrimos que nosso prazer não depende necessariamente do outro, já que somos sexo da cabeça aos pés, passamos a pensar de outro modo o conceito do erotismo, que é tão amplo.*

Nádia Camuça – Sim. Só um detalhe: recentemente eu estava conversando com uma pessoa sobre livros de que não gostamos, e ela dizia que não gostava de literatura erótica, tipo *50 tons de cinza*. É muito triste que isso seja o imaginário comum das pessoas, porque despersonaliza totalmente a autonomia da mulher. Ao mesmo tempo, é muito compreensível que uma mulher não goste também, apesar de ter feito sucesso no público feminino. É compreensível quando a pessoa tem em mente que literatura erótica é *50 tons de cinza* e dizer que não gosta.

Claudicélio Rodrigues – *Nós, que estudamos o erotismo academicamente, nos deparamos com pessoas que nos procuram para compreender o fenômeno do erotismo, mas muitas vezes pensam que vamos ler o tempo todo texto que simula uma relação sexual. Trabalhamos com coisas mais alusivas ao prazer corporal, não necessariamente ao ato sexual. Há uma espécie de alfabetização sobre o conceito do erótico aí. E o poema da Sara diz muito bem sobre isso, porque quebra uma expectativa no conceito.*

Sara Síntique – Eu acho, Mika, que todos os poemas que eu mandei, inclusive na primeira versão, foram os mesmos para a segunda. Eu não acrescentei, só tirei um verso de um poema, alguma coisa assim. Lembro que, quando a Mika me chamou para escrever os textos para a antologia, escrevi muito propositadamente esse poema [“Erótica”], inclusive questionando, porque, para mim, ele faz essa quebra do que é o erotismo.

Lembro que, muita afoita na adolescência, quando comecei a escrever os meus primeiros poemas, já tinha uma produção de poesia erótica com a descoberta do corpo na adolescência, das primeiras relações sexuais, da bissexualidade, enfim. Eu também estava no teatro, estava acendendo o corpo, acordando o corpo para muita coisa. Logo na adolescência, já comecei a fazer textos que, para mim, naquela época, falavam de um erotismo, e que, talvez, acrescentando ao que Nádia disse, tinham muito a ver com a coisa da fantasia, do fantasiar o sexo e a relação sexual, eles se detinham muito na coisa da relação, do sexo.

O erotismo sempre foi um tema que me interessou muito. Por conta da vivência do teatro, da performance, comecei a questionar muito o corpo. Inclusive, a questão da nudez, que muitas vezes é atrelada somente a “A nudez é pornográfica, a nudez do mamilo feminino, que não pode aparecer, mas o do homem pode”... Aquela performance dos “macaquinhos”, vários performers tateando os cus uns dos outros, e muita gente completamente chocada... Comecei a posar nua para fotógrafos, para performers, para aulas de artes visuais. Passei a questionar meu próprio corpo. O que é erótico nesse corpo e em que medida a nudez é completamente erótica ou pornográfica?

Teve também o interesse muito forte por um espetáculo de dança do Fauller Dandi, que é a *Cia Dita*. Eles têm um espetáculo chamado *Corpornô*, que vi mil vezes, escrevi um texto sobre ele, e eles questionam isso o tempo todo, essas relações do corpo, do erotismo. Tem uma cena linda de dois bailarinos que estão com os olhos completamente enfaixados e ficam cuspidando. A relação de erotismo que vai surgindo deles é pela tosse e pelo cuspe. Então, para mim, essa coisa da desconstrução, de questionar o que é um corpo erótico, o que é um corpo pornográfico, o que é a fantasia, enfim, tudo isso sempre foi ebulição.

Na época em que Mika me chamou para a antologia, estava fazendo uma pesquisa no meu mestrado sobre dois contos da Marguerite Duras, chamados “O homem sentado no corredor” e “A doença da morte”, e sobre o filme “Ágata ou as leituras ilimitadas”. O que pesquiso nessas três obras é justamente o amar, o corpo. Eu já estava também muito contaminada pela própria forma como a Marguerite Duras trabalha isso na literatura dela e nos filmes. Ela não faz uma divisão, por exemplo, entre desejo, paixão e amor. Para ela, os três estão completamente imbricados. É uma nuance, é uma bruma, e isso tudo vem com muita força no corpo, inclusive a própria relação com a escrita, com a palavra. Por exemplo, no livro *O amante*, quando a menina de 15 anos vai descobrindo o corpo do amante, ela descobre também e afirma o desejo pela escrita.

Então, começou a me interessar também a coisa da própria palavra enquanto corpo erótico, independente de um poema. Vários teóricos falam disso. A Nina também, a gente sempre conversa sobre isso, enfim, acho que todas nós, como

o corpo é erótico, e a palavra literária, não necessariamente falando sobre erotismo, sobre pornografia, sobre relação sexual, masturbação, enfim. Nos quatro poemas que escrevi, queria brincar um pouco com tudo isso que estava acontecendo comigo enquanto atriz, pesquisadora e poeta. Uns poemas falam sobre o prazer no corpo da mulher, mas em outros brinco um pouco de omitir meu gênero, não querendo me afirmar como mulher, até por essa questão de ser um gênero livre, de curtir muito brincar com meu próprio corpo, desse devir-corpo, que pode ser qualquer coisa, inclusive com a própria sexualidade. Para mim, tanto faz gênero, tanto faz meu tesão, meu erotismo é todo aberto. Tento trazer isso para a poesia também. Nesse poema que a Nádia comentou, acho que tentei brincar um pouco com essa coisa de questionar o erotismo, onde é que está o erotismo.

Claudicélio Rodrigues – *Nesse nosso apego às raízes greco-latinas na cultura ocidental, vamos lá para a Grécia e Roma para pensar os primeiros eróticos. E, quando se faz a história da literatura erótica, a gente percebe a relação do erótico com a comida, com as frutas. Na poesia grega clássica, certas frutas representam o prazer sexual, sobretudo as sumarentas, que têm caroços e caldo. No teu texto, Nina, “Outro recuerdo sin verguenza”, você começa com essa pulsão pela comida e depois passa para os corpos: “eu sua buceta, seu cuzinho éramos prato principal e sobremesa”. Como é interessante ver aqui essa modulação, quando você sai de uma comida para outra comida metafórica.*

Nina Rizzi – Eu queria voltar a sua pergunta anterior, sobre como nós escolhemos os textos. Os meus, particularmente,

não fui eu mesma que escolhi. Quando a Mika nos convidou, eu fiquei supercontente, por ser a Mika, por confiar nela. Mas eu estava passando por um momento extremamente delicado da minha vida. Antes ainda, bem antes, sempre escrevi poesia erótica. Sempre, desde que comecei a publicar na internet. O primeiro projeto na internet que eu tive se chama “Putas resolutas”. Esse blog está disponível até hoje. Inclusive, existe um trabalho de TCC em que uma moça fala que eu e as outras duas mulheres que escreviam comigo nesse blog, a Roberta Silva e a Lília Porto, somos garotas de programa que transformam o seu cotidiano de trabalho na vida sexual em poesia, o que não é verdade. Para vocês terem uma ideia, a Lília Porto é uma senhora que hoje tem 80 anos. Há 20 anos, quando a gente fez esse blog, eu tinha 17, a Lília Porto tinha 60. Ela não era uma garota de programa, nem eu. Nunca fomos. Isso não é um problema, mas é um caso de descaso na pesquisa. E existe esse trabalho, que está na internet, que coloca a gente como mulheres que se prostituem.

Enfim, nesse blog eu escrevia poemas eróticos, com teor muito mais salgado, muito mais apimentado do que as pimentas desse poema a que você se refere. Brincava com essa ideia da garota de programa: “Ah, eu gosto desse tipo de cliente”. Fazia esse tipo de brincadeira em alguns poemas. Em outros não. Era realmente um blog de poemas eróticos; alguns mais abertos, outros mais sutis. Foi inclusive esse blog que deu visibilidade para nós, para Lília Porto, para mim. Depois começamos a fazer as nossas coisas.

Tem uma coisa importante sobre outra coisa que vocês estavam dizendo, sobre o que é o erotismo. Tudo o que uma mu-

lher escreve, em alguma medida, é erótico, porque o olhar sobre mim, uma moça jovem, com 17 ou 18 anos, era um olhar erótico. Então, se eu escrevesse “atravessou a rua atrapalhando o tráfego” era erótico. Essa moça está atravessando a rua e atrapalhando o tráfego porque quer dar pra gente, porque está rodando a bolsinha, atrapalhando o tráfego. Então, o olhar sobre a literatura feita por mulheres é já um olhar erotizado. Isso é uma coisa. A outra coisa é que, para mim, quando escrevo, sempre estou num momento erótico do meu ser, porque é um momento em que me abro completamente, mas me abro mesmo, da mesma maneira que me abro quando estou fazendo amor. Me abro para as poemas, me abro muito amorosamente para que a literatura venha da maneira mais amorosa e selvagem possível. Isso eu já escrevi no *Banzo* [*Quando vieres ver um banzo cor de fogo* (2017)], por exemplo.

Em relação aos poemas que estão nesse livro... Aí eu estava passando por um momento muito difícil, porque eu tinha passado por um aborto, exatamente quando a Mika me escreveu. Foi uma situação extremamente violenta com meu corpo, porque precisei ficar muitos dias internada. E era um aborto retido, o bebê não saía, eu tinha que ficar tomando remédio, sentia muita dor. Isso trouxe diversos problemas para meu corpo: tive infecção uterina, vaginal, urinária. Isso me deixou um pouco traumatizada. Fiquei sem querer pensar muito no meu erotismo, porque eu tinha vivido uma situação extremamente traumática. Quando a Mika me convidou, eu disse que aceitava, mas não tinha condições de enviar para elas esses textos. E ela perguntou se podia fazer a caça no meu blog pessoal. Eu falei: “Fica super à vontade, vai lá, pega o que você quiser”. E aí ela fez a seleção.

Nádia Camuça – Ela fez o mesmo comigo, importante dizer, mas no meu caso eu não tinha coragem de escolher, por vergonha.

Nina Rizzi – Tem uma outra poema que eu gostaria de chamar a atenção, que é o segundo meu que está nesse livro, o “Das coisas que fazemos juntos”. É a poema que destoa completamente da antologia. Talvez não é erótica para o meu eu mulher, no sentido de que estou me sentindo erótica agora para fazer amor com você. Mas é erótico para o homem, talvez, mas eu amo que esta poema esteja nesse livro porque ela, de alguma maneira, marca, diferente de todas as outras, quando é o desejo da mulher e quando não é. Nesse caso, não é o desejo da mulher, não é quando ela quer, não é quando ela permite, mesmo estando dentro de um relacionamento, mesmo o cara achando que ela quer porque as secreções estão descendo pelas pernas, mesmo porque ela tá rindo. Eu gosto muito que esta poema esteja dentro dessa antologia, marcando quando existe consentimento e quando não existe.

Claudicélio Rodrigues – *Tenho percebido isso nos textos. Uma outra antologia, a Pretumel de chama e gozo: antologia erótica da poesia negro-brasileira (2015), e alguns poemas lá também seguem essa tendência de deixar muito claro que o eu que fala, essa mulher que escreveu esse poema, está definindo: “Estou escrevendo isso, que é sobre erotismo, mas não é erotismo para mim. Pode ser para o meu amante, ou para o homem que vai ler, mas não para a mulher que vai ler”.*

Nina Rizzi – Até antes de essa poema estar aqui no livro, de ser lida, ou de estar só escrita, as pessoas liam com esse olhar de ero-

tismo mesmo. “Ai, que gostoso!”, “Ai, que delícia!”. E, de repente, você precisa performar para a pessoa se ligar que não, não é. Em relação ao “Recuerdos...”, sim, é isso mesmo, como o poema da Sara. O alimento é extremamente erótico, como nos antigos ritos que você trouxe, não só dos gregos, mas anterior também. Quando a gente planta, cava a terra, já é um momento erótico, de você abrir a terra, plantar e dali brotar o alimento, comer e transformar isso num momento de prazer, porque comer é um momento de prazer. Aqui não é só preliminar, faz parte de tudo. Esse alimento também é erótico como o corpo. E lambamos os beiços.

Claudicélio Rodrigues – *Isto aparece na antologia de vocês, mas também nas outras: o tema do erótico é utilizado como estratégia de dizer ao leitor o que não é erótico. Também aproveitam o tema do erótico como uma espécie de formação para o leitor, seja ele mulher ou homem, em relação a discussões muito mais amplas da sexualidade e do modo como as performamos. Das várias temáticas que tenho encontrado nessa antologia, destaco o gozo a dois ou solitário, a masturbação, o prazer a dois, que não necessariamente precisa ser o ato sexual, a relação com a comida, e muitas vezes existe um tom de profanação de uma cultura, de um saber, de uma tradição, que acho positivo. Vocês transgridem, porque o erótico é isso, transgressor por excelência. E, se é uma mulher que está escrevendo sobre o erótico, ou um negro, ou um gay ou lésbica, é transgressão ao quadrado, porque ali, porque tem que utilizar nessa poema – como a Nina batiza – toda uma espécie de agenciamento em relação a uma visão de mundo sobre esse erotismo mais amplificado. Um das coisas que me interessam muito nessa antologia é como algumas poemas brincam com a questão do sagrado,*

transgridem, profanam. A começar pelo título, que é maravilhoso, esse livro furado, varado de ponta a ponta por esse buraco, as ilustrações, a diagramação, e o texto “As querências de Lilith”, que abre o livro, com esse olho de Lilith, ou esse furo, que pode ser qualquer buraco que sirva para o erótico. Tudo isso é transgressivo.

Nina Rizzi – Foi uma sacada o furo. E a poema de abertura.

Ayla Andrade – Isso... Qualquer buraco. Até o da fechadura que “brecha”.

Claudicélio Rodrigues – *Há um poema que fala sobre Moisés. Em alguns momentos, a relação do sagrado, essa coisa judaico-cristã, vai aparecer nesta, mas também em outras antologias eróticas. Parece que, o tempo todo, os poetas e as poetisas do erótico estão realmente nesse limite entre o profano e o sagrado, e fazem questão de viver essa transgressão.*

Ayla Andrade – De fato, acho que é uma das coisas que a gente até sempre fala quando tem os saraus, dessa força de sermos muitas. É uma antologia que tem onze mulheres. Um número bastante considerável para uma antologia. A gente fala dessa força, de que a gente está escrevendo sobre vários temas, mas lembrando que somos mulheres e, por muito tempo, fomos relegadas a segundo plano em tudo, principalmente na escrita, na produção literária. A gente sempre está falando de como isso é forte, de como o que está posto enquanto corpo, enquanto poema, enquanto fala, enquanto livro físico, enquanto buraco, enquanto gozo, que é feito

pela gente, inclusive no outro, de como isso é forte. Quando a gente apresenta o livro e se apresenta, quando a gente consegue reunir todas, eu sinto essa força mesmo.

Claudicélio Rodrigues – *Eu presenciei uma dessas potências, uma dessas forças que esse livro agencia. No II Colóquio da Língua de Eros, ano passado (2019)¹, a Sara representou vocês, lendo um texto, performando um texto dela sobre a antologia para uma sala cheia no final do evento, numa sexta-feira, às 8 horas da noite. De repente, as mulheres que estavam ali, que leram a antologia, choraram, porque se viam no depoimento da Argentina e da Sara. Foi uma fala muito potente, e se viram, obviamente, nos textos da antologia. Isso é uma potência, extrapola o limite da literatura (ou na verdade não, porque a literatura deveria ser isso), que é sair do literário, do estético e dar a mão para o político. Essa antologia faz isso.*

Ayla Andrade – Sim, concordo.

Argentina Castro – Foi muito emocionante aquela noite. Falar do erótico também é lembrar das violências a que estamos submetidas desde a infância. É louco isso.

Sara Síntique – Foi um soco aquela noite. Reverberou muito, reverbera até hoje.

¹ O colóquio já está na terceira edição e é vinculado ao PPG Letras da Universidade Federal do Ceará.

Claudicélio Rodrigues – *A transgressão está aqui no poema de abertura, quando Lilith oferece o cu e não mais a buceta para o Adão, que fica completamente desnordeado com isso. Quando você brinca aqui, Mika, até com a consonantização do “V”, “Adão vigia a vagina, que a vagina é vida, vulgarizada, desvalorizada, vilanizada”, você se apropria de um mito que serve como ponte entre os textos sagrados e a tradição sobre eles, para mostrar a estrutura patriarcal. Vejo isso na figura desse Adão, que não consegue compreender o prazer que a parceira quer.*

Nina Rizzi – Essa poema é incrível!

Ayla Andrade – Toda essa força, toda essa beleza que a gente vê quando a gente se apresenta é sempre controversa. Algumas de nós fomos procuradas no inbox por homens que se acharam no direito de..., porque a gente está ali falando desses temas, como se o corpo estivesse à disposição, como se tudo estivesse à disposição do homem. Teve de tudo. Aquele que chegou com elogio, e os que chegaram para chamar para sair. Então, é sempre para lá de controverso.

Claudicélio Rodrigues – *É porque, na verdade, o erótico de um pode ser o pornográfico de outro.*

Ayla Andrade – Sim. Ainda assim, isso não dá o direito de pensar que a mulher está à disposição.

Claudicélio Rodrigues – *A escritora Márcia Denser, num texto chamado “Erotismo e preconceito”, diz que, quando a mulher quer escrever e não mais ser apenas temas dos homens, quando quer ter*

esse domínio que foi negado há muito tempo pelo cânone, ela se torna pública, e, assim, é sempre vista como prostituta. Agora é uma prostituta que escreve, porque se vende, porque vende o seu texto, e porque não aceita mais esse domínio do homem.

Nina Rizzi – Atravessou a rede social atrapalhando...²

Ayla Andrade – Ao se tornar pública, ela é de todos.

Argentina Castro – Teve um cara que me disse: “Você pode ler pra mim um poema seu?” Eu perguntei a ele: “Você não sabe ler?”. Ele queria se excitar com minha voz, só podia ser isso.

Mika Andrade – Esse texto [“As querências de Lilith”] tem mais de três versões para chegar até o poema final que foi para a antologia. O engraçado é que, quando comecei a escrever, a pesquisar sobre Lilith, eu queria escrever um conto, mas não consegui. Fiz a pesquisa, fiz anotações, e saiu uma primeira versão desse poema. Depois fui alterando até chegar a essa da antologia. Esse foi meu primeiro poema erótico, e sou muito grata pela existência dele, porque me abriu muitos caminhos. Gosto muito dele pelo tom afrontoso. Adoro a parte em que a Lilith goza na cara de Deus.

Claudicélio Rodrigues – *Você capturou a potência dessa mulher primeira, antes de Eva. Eva é muito comportada, coitada. Lilith não.*

² Aqui Nina se refere novamente ao verso da canção “Construção”, de Chico Buarque, mas o parodiando.

Para pensar nesse gozo, Jesuana tem dois textos sobre esse sagrado atravessado pelo prazer, que é “Profanidades”, em que ela vai falar do corpo elétrico, que goza e delira, que é um gozo profano, porque numa tradição masculina a mulher não é autorizada a gozar. Isso é o que eu chamo de transgressão. O outro é “Mar de gozo”: “Se você é Moisés/ Só quero que/ Abra meu mar.../ de gozo”. Isso é muito poderoso. Eu gostaria de ler esse poema para pessoas muito religiosas, cristãs, evangélicas, neopentecostais, católicos carismáticos, essa “gente de bem” que não vê que a Bíblia está cheia de erotismo. O que será que pensariam?

Ayla Andrade – É para ler de joelhos.

Argentina Castro – Vão dizer que você está com o Cão nos couros.

Sara Síntique – É engraçado. A Bíblia tem vários momentos eróticos, tem um livro todo dedicado a isso, o *Cântico dos Cânticos*, que foi o primeiro livro erótico que li na minha vida, porque tive uma criação evangélica e tinha que ler a Bíblia inteira todo ano, do começo ao fim. Acho que meu primeiro contato com o texto erótico foi com a Bíblia. Olha aí!

Claudicélio Rodrigues – *O Cântico dos Cânticos, dependendo da tradução, são os Cantares de Salomão.*

Sara Síntique – É um erotismo belíssimo...

Claudicélio Rodrigues – *Tem cenas de homoafetividade lindas, e o erótico tão alusivo. As pessoas não percebem, passam na frente.*

Fazem vista grossa para isso. Mas, falando dessa relação de afetividade heteronormativa, parece que ela domina o discurso do prazer nessa antologia, não? O erótico heteronormativo, embora você tenha dito, Sara, que fez questão de omitir gênero para fazer uma brincadeira. No momento da produção do livro, vocês tinham clareza de que a postura de vocês em relação ao dispositivo erótico como tema da antologia é uma postura crítica?

Nina Rizzi – Sempre escrevo pensando primeiro numa voz interna, tipo, estou falando com alguém. Isso me faz pensar que as poemas vão soar melhores, têm som, ritmo. Mas, se vou publicar, sempre, todo e qualquer poema é crítico, mesmo se eu escrevesse “batatinha quando nasce”.

Sara Síntique – Alguns poemas, por exemplo, “Afago”, que é o que fala “minha carne é profana, perdoai”, é um dos que escrevi com muita consciência de que ele tinha uma postura crítica. “Minha carne é profana”, independente de ser homem ou mulher, ou de qualquer gênero que tenha. Ele fala “perdoai”, mas depois diz “Não, minha carne é profana”, e assume o erotismo do corpo, o eu profano. Nesse poema, sim, eu tive essa consciência quando escrevi. Nesse poema “plural”, que termina com “anilíngus”, eu acho que não marcar gênero também é uma postura crítica. Não marca se é uma relação heterossexual, se é entre duas mulheres, se é entre dois homens; se uma mulher lambendo o cu do cara... por que não? Então para mim tem uma postura crítica, enfim, é o meu político em relação a esse erotismo de um corpo muito aberto, que não se fecha à norma, à regra, ao gênero. Em alguns

momentos, o gênero é marcado, sim, o gênero feminino, a mulher como ser erótico. Mas, em alguns, eu tinha essa escolha, de não fazer essa marca. Isso para mim é uma postura crítica.

Claudicélio Rodrigues – *No caso do tema do erotismo, como a história da mulher no ocidente é atravessada por um erotismo que foi cantado poeticamente e narrado por homens, a mulher sempre foi tema do erotismo dos homens, mas isso não aparece numa tradição de mulheres escrevendo, embora, quando a gente vai ao início da poesia na Grécia, temos uma mulher cantando poemas para mulheres, como a Safo de Lesbos. A tradição dos homens escrevendo erotismo, de certo modo, silenciou as mulheres, para pensar que o erótico não é maldito, como querem que elas digam. Eu falo isso pensando num texto da Audre Lorde, que integra Irmã outsider – “Os usos do erótico”³ –, que fala às mulheres que o erótico foi usurpado pelos homens e que cabe agora às mulheres reaver esse erótico, para que tenham consciência de si e da sua corporeidade. Isso significa tomar de volta o que nunca deveria ter sido expropriado pelo latifúndio masculino.*

Nádia Camuça – Sobre essa questão da consciência crítica, eu acho que foi um processo posterior mesmo, exceto pelo “Vulva termostática”, em que tive realmente essa consciência do corpo e da palavra. Mas os outros eram mais no lugar mesmo, não sei, não vou dizer inocente, num lugar de registro, de ver a palavra como esse conhecimento das sensações. Lembro muito de

³ LORDE, Audre. Os uso do erótico: o erótico como poder. In: *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019, pp. 67-74.

um sarau que a Nina organizou lá na Lamarca, que ela chamou a mim, a Raísa Cristina, a Mika e a Lubi Prates. Como a Raísa Cristina faz uma arte erótica, tanto nas artes visuais quanto na poesia, a maioria dos poemas dela parecem dedicados a alguém ou inspirados em alguém. E ela falou assim: “Esses caras pensam que estou escrevendo para eles, mas eles não entendem que é para mim”. Aquilo foi um bummm na minha cabeça, porque realmente eu estava escrevendo minhas experiências, mas não era para eles. Inclusive, teve um cara que sabia que eu tinha escrito algo baseado numa experiência que a gente teve, e ele achava que eu tinha escrito aquilo para ele, em homenagem a ele, para exaltá-lo. E não era. Era para mim. Só que não tinha essa consciência. Com essa fala da Raísa foi que entendi que não é sobre eles, mas sobre como eu vivo aquilo.

Claudicélio Rodrigues – *Pergunta capciosa: pode a mulher ser feminista e escrever poesia e ficção eróticas?*

Ayla Andrade – Pode demais.

Nádia Camuça – Demais.

Ayla Andrade – E deve. Sobre essa pergunta que você fez anteriormente, acho que, enquanto antologia, cada uma mandou o seu texto, cada um no seu quadrado, e a gente viu o zine ficar pronto, e depois o livro físico. Acho que realmente a ficha caiu um tempo depois, enquanto livro, antologia, projeto, um trabalho de onze mulheres. Pra mim a potência dele só ficou muito clara de-

pois, o quanto ele foi longe, o quanto esse livro circulou, e a gente vê no insta alguém lá de Curitiba que conseguiu o livro, marca a gente e diz que adorou, o quanto isso tá caminhando. Enquanto crítica do que a gente escreveu, penso que a gente precisa fazer a segunda antologia. A gente tem escrito mais, tem pensado sobre antologia e sobre a potência que ela tem para fazer a segunda. Inclusive, a gente tem conversado isso com a Mika, justamente porque acho que a gente chegaria num outro nível, num outro patamar de criticidade sobre os nossos poemas eróticos.

Claudicélio Rodrigues – *Bom saber disso, porque imagino que uma segunda antologia vá reunir as primeiras leitoras de O olho de Lilith e aumentar a potência crítica dos poemas de vocês. Parece que o livro, quando é lido e performado em público, aciona uma catarse nas ouvintes, nas leitoras.*

Ayla Andrade – Sim, até porque esse retorno já chegou na gente de alguma forma, pelas nossas andanças, pelos saraus. Penso demais que a gente precisa fazer essa segunda antologia mesmo. Fico ansiosa de pensar o que seria o resultado, depois de todo esse processo, do que seria uma segunda antologia.

Claudicélio Rodrigues – *Queridas amigas poetas, eu gostaria de agradecer pela conversa. Gostei muito de ouvi-las.*

Nádia Camuça – Eu que agradeço, a gente que agradece, é muito renovador pra mim sempre que falo dessa antologia. No meu caso, é minha primeira publicação. Até então não tinha

sido publicada. E, quando a gente tem essas conversas junto com essas mulheres maravilhosas, sempre saio cheia de vontade de agarrar o mundo inteiro, mesmo quando a gente se encontra só virtualmente. É uma potência incrível. Acho que esse livro é sobre isso. O erótico que a gente consegue transpor é esse que a Audre Lorde fala. Li esse ensaio só mês passado, por causa dessa publicação nova, dessa pulsão da vida, que ele revela para mim e para muitas mulheres.

Sara Síntique – Cláudio, querido, muito grata pelo convite. Desde o ano passado, quando você convidou a gente para fazer a fala lá no colóquio. Todas as falas são muito potentes, e a gente sempre tem muito retorno nos saraus. Aquele dia foi catártico de uma maneira que eu nunca consegui esquecer. Realmente, a gente só tem noção da força do livro quando temos essa possibilidade de dialogar com o leitor. E dialogar cara a cara foi muito forte. Fico muito feliz que essa pesquisa esteja sendo feita por você, pelo seu grupo. Esse livro é isso mesmo: um corpo puxando outro. Obrigada, meninas maravilhosas, por essa roda de bruxas. Feliz de estar com vocês.